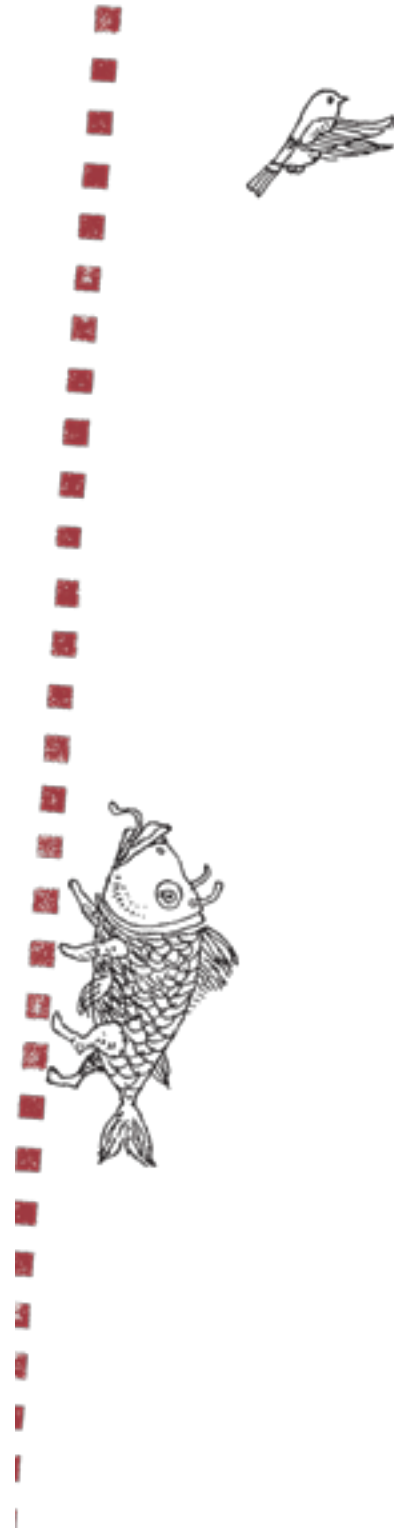


O DINHEIRO TEMPO DE FERNÃO MENDES PINTO

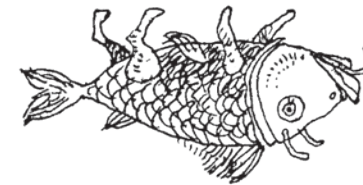
8 SET a 31 OUT 2011 } Pagos do Município } MONTEMOR-O-VELHO





O DINHEIRO NO TEMPO DE FERNÃO MENDES PINTO

MONTEMOR-O-VELHO
{8 de setembro a 31 de outubro de 2011}



QUANDO, HÁ 500 ANOS, EM
MONTEMOR-O-VELHO, NASCEU
FERNÃO MENDES PINTO A SUA
MODESTA ORIGEM ESTAVA LONGE
DE INDICIAR A GRANDEZA DA
SUA JORNADA E A DIMENSÃO
DOS SEUS FEITOS.

Tal constituiu, no entanto, causa e motivação da primeira das suas viagens quando aos 12 anos de idade, pela mão de um tio, deixa a «miséria e estreiteza da casa» de seu pai e rumo a Lisboa em busca de uma vida melhor.

Em Lisboa, os trabalhos e os infortúnios continuam a inquietá-lo e Fernão Mendes Pinto, em 1537, com o propósito de alcançar melhor sorte e riqueza, embarca numa viagem extraordinária pela costa de África, Índia, Samatra, Sião, China e Japão, personificando o espírito empreendedor dos portugueses que se lançaram na aventura de «dar novos mundos ao mundo».

A *Peregrinação*, publicada postumamente em 1614, é o relato que Fernão Mendes Pinto fez dessa jornada excepcional por terras do Oriente, que durou 21 anos e fez dele mercador, cronista, pirata, escravo, irmão da Companhia de Jesus, embaixador, «13 vezes cativo e 17 vendido», numa sucessão de aventuras, maravilhas e prodígios que cruzam o real com o imaginário.

Misto de autobiografia, roteiro de viagem e romance de aventuras, a obra fascinou a Europa seiscentista, ávida de relatos e histórias sobre povos e lugares longínquos, transformando-se rapidamente num *best-seller* que à época conheceu 18 versões nas principais línguas. A *Peregrinação* é o testemunho de um homem da sua época, um tempo marcado por uma mudança no paradigma das relações económicas, sociais e culturais entre os povos do Ocidente e do Oriente, naquilo que se poderá designar como o prelúdio da globalização.

{5}

A INCM, que recentemente publicou a *Peregrinação* e dedicou ao seu autor a agenda temática de 2011, associa-se agora à celebração do 5.º centenário do nascimento de Fernão Mendes Pinto com o lançamento de uma moeda corrente comemorativa que serve também de mote à exposição «O dinheiro no tempo de Fernão Mendes Pinto», um acontecimento que, além de comemorar a efeméride na terra natal do escritor, irá certamente acrescentar uma nova perspectiva da época e das conjunturas que o envolveram.



Estêvão de Moura {Presidente do Conselho de Administração da INCM}

AS COMEMORAÇÕES DOS 500
ANOS SOBRE O NASCIMENTO
DE FERNÃO MENDES PINTO, A
TERMINAREM EM DEZEMBRO
PRÓXIMO, DÃO CORPO A UM
SIGNIFICATIVO DE CONJUNTO
DE INICIATIVAS CULTURAIS
COM BASE NUMA INOVADORA
PARCERIA.



Sob o seu signo, entidades locais e internacionais mobilizam-se com intenção de servir a perenidade de uma inesquecível viagem. Ainda hoje me pergunto: como é possível? Simples. Com o esforço de todos, com o sentido de criar e com a responsabilidade de rentabilizar os recursos existentes. E, em grande parte, com uma sintonia perfeita do trabalho em comum, da participação efectiva, da partilha e da distribuição dos actos evocativos e das suas consequências. De 8 de Setembro de 2009 a 31 de Dezembro de 2011, uma centena de eventos culturais decorrem, mobilizando-se tantos nomes da cultura portuguesa, projectando-se além fronteiras o acontecimento.

Fernão Mendes Pinto está muito para além da sua viagem. Foi com este pressuposto que os parceiros iniciaram esta grande aventura. Se cada um acrescenta ao todo as características próprias, o cenário é o mundo, a dimensão é internacional e, por isso mesmo, ninguém pode reivindicar o exclusivo da memória. Porém, Fernão Mendes Pinto é indubitavelmente a MARCA de Montemor-o-Velho no Mundo.

Na figura de Fernão Mendes Pinto confluem todos estes ingredientes essenciais e juntam-se-lhes os outros que acrescentam densidade e controvérsia. Tudo acontece num cenário em que se movem os sinais da aventura, da novidade, da descoberta, da tolerância, do diálogo e do poder. Sobram, assim, inúmeras perspectivas de abordagem do episódio e que facilmente se encontram bem patentes nas comemorações.

{7}

O lugar do 'vil metal' na 'Peregrinação' sustenta a pertinência da Exposição 'O Dinheiro no Tempo de Fernão Mendes Pinto', magistralmente promovida pela Imprensa Nacional – Casa da Moeda. Fernão Mendes Pinto sai de Montemor-o-Velho com perspectivas de ter uma melhor vida; enriquece e fica pobre novamente; aguarda pela tença do Rei, atribuída quase no leito de morte. Esta Exposição e a Moeda de circulação de dois euro são pontos cimeiros destas comemorações.

Neste sentido, quero agradecer, mais uma vez, a disponibilidade e entrega demonstradas pela Imprensa Nacional – Casa da Moeda em mais um projecto desta Autarquia. Um Bem-Haja na pessoa do seu Presidente do Conselho de Administração, o Senhor Dr. Estêvão de Moura.

Luís Barbosa Leal {Presidente da Câmara Municipal de Montemor-o-Velho}



O DINHEIRO NO TEMPO DE FERNÃO MENDES PINTO

{8}

«13 vezes cativo e 17 vendido, nas partes da Índia, Etiópia, Arábia Feliz, China, Tartária, Macáçar, Samatra e outras províncias daquele oriental arquipélago dos confins da Ásia». Esta passagem do livro *Peregrinação* resume 21 anos de vida de Fernão Mendes Pinto por terras da Ásia. Considerado um dos pioneiros na literatura de viagens, é definido por Veríssimo Serrão, na sua «História de Portugal», como a «figura mais expressiva» de uma época de apogeu daquele estilo literário que tinha como «valioso cenário as terras orientais e como actores da maravilhosa peça da Criação os reis e povos que nela viviam». Há outros autores portugueses que também andaram por terras da Ásia em busca de fama e glória, mas foi a escrita orientalista e rica em peripécias de Fernão Mendes Pinto que ficou célebre em todo o mundo.



}1

Os detalhes e descrições de ambientes são de tal intensidade que muitos definem a obra mais como um romance de aventuras do que um tratado histórico. Claro que há fantasia e até falta de rigor histórico – chegou a ser conhecido no reino como Fernão Mentos Minto – mas isso é compensado com a forma como apresenta o mundo oriental visto pelos olhos de um ocidental, cidadão de uma potência mundial que estava em franca expansão no Oriente. Durante duas décadas, Mendes Pinto passou de pobre a rico, naufragou várias vezes, descobriu a Companhia de Jesus, foi um dos primeiros portugueses a chegar ao Japão e tornou-se inseparável de Pedro de Faria e António de Faria, dois portugueses que merecem várias referências na sua obra. Aquilino Ribeiro levanta a hipótese de Mendes Pinto e António de Faria serem «uma e a mesma pessoa», o que não se veio a confirmar.

Se vivesse hoje, Fernão Mendes Pinto seria um homem de ideias radicais, inquieto e sempre à procura de aventuras. Personificou o português explorador, descobridor e soldado que durante o século XVI rumou a destinos africanos e asiáticos à procura da fama, de glória, poder, aventura e dinheiro. Foi a época do apogeu dos Descobrimentos, das conquistas de Afonso de Albuquerque em

{9}





terras do Oriente, da construção da Torre de Belém, iniciada algures entre 1515 e 1519, e da chegada dos portugueses à China e ao Japão. Em 1549, os portugueses fundaram o povoado de São Salvador da Baía, que, durante 200 anos, foi a capital dos territórios portugueses na América. Consta que foi nesta época, em 1542, que Fernão Mendes Pinto terá conhecido o chá, pela primeira vez, no Japão. Uma bebida que os portugueses viriam a introduzir em Inglaterra e que ficaria mundialmente conhecida pela mão dos... ingleses.

{10}



} 2



} 6



} 8



} 13



} 16



TUDO COMEÇOU EM MONTEMOR-O-VELHO

{11}

Fernão Mendes Pinto nasceu em Montemor-o-Velho em 1510. Nesse ano, no reino de Portugal, governava D. Manuel I. Afonso de Albuquerque conquistou, em definitivo, o território de Goa. Houve um novo surto de epidemias e Gil Vicente publicou o *Auto dos Reis Magos* e o *Auto da Fé*. Um ano mais tarde deu-se, presumivelmente, o descobrimento da ilha de Timor e organizou-se a primeira expedição oficial portuguesa ao Pacífico, com partida de Malaca.



} 19



} 24



} 20

Terra antiga, povoada desde os tempos da Pré-História e por onde passaram, entre outros, Visigodos e Árabes. Montemor-o-Velho ocupava uma posição estratégica na linha do Mondego e na defesa de Coimbra. Esta situação provocou uma intensa disputa entre Cristãos e Muçulmanos pelo seu controlo durante a época da Reconquista. O concelho ficou definitivamente nas mãos dos Cristãos em 1034.

Foi no seu castelo, em 1355, que o rei D. Afonso IV e o seu conselho decidiram acabar com a vida de Inês de Castro, amante do infante e futuro rei D. Pedro. Em 1516 recebeu um foral novo de D. Manuel I. Nesta época a actividade principal era a agricultura, feita nas margens do Mondego, já então navegável e por onde era transportada a produção agrícola do concelho para outras zonas do reino. Foram tempos de prosperidade económica que não terão beneficiado a família de Fernão Mendes Pinto.

De facto, os primeiros anos de vida do aventureiro e escritor foram passados na região, e não há registo de grandes posses ou riquezas. Tinha dois irmãos, que também foram para o Oriente mas sem o mesmo sucesso. Por volta dos 12 anos, um tio levou-o para Lisboa em busca de melhor futuro e vida. Esteve um ano e meio ao serviço de uma senhora de «geração assaz nobre e de parentes assaz ilustres», como ele afirma, citado na *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*. Um caso que «lhe pôs a vida em tanto risco que, para a poder salvar, lhe foi obrigado sair naquela mesma hora de casa» levando-o a procurar um barco no porto e a zarpar na direcção de Setúbal.

Piratas franceses abordaram, pilharam e afundaram a embarcação e fizeram 17 portugueses prisioneiros. A intenção era levá-los para Larache, em Marrocos, onde seriam vendidos. Entretanto, fizeram novas pilhagens e encheram o seu barco de ouro, voltaram a França, abandonando os portugueses na praia de Melides. Durante cinco anos e meio esteve ao serviço de dois fidalgos portugueses, sendo um deles o mestre de Santiago, D. José, bastardo de D. João II. Cansado da vida que levava, sem posses e perspectivas de grande futuro, decidiu, em 1537, com 27 anos, fazer-se às naus e rumar à Índia. Integrou-se numa das tripulações de uma frota de cinco navios, três da Coroa e dois de particulares, que fizeram uma escala em Moçambique. Mendes Pinto chegou a Diu no dia 5 de Setembro de 1537.

Nesse ano, em Portugal, D. João III, que sucedera a D. Manuel I, transferiu a universidade para Coimbra. Na cidade de Évora tinha terminado a construção do Aqueduto da Água de Prata, obra de engenharia executada por Francisco de Arruda. Em África, Manuel Pacheco iniciou uma viagem ao Congo. O papa Paulo III nomeou D. João de Albuquerque bispo de Goa.



} 23



} 36



} 32



} 34



} 31



} 40

{12}

{13}



AVENTURA, RELIGIÃO E RIQUEZA NA ÁSIA



146

Dois meses depois de ter chegado a Diu o escritor e aventureiro português ficou escravo de um grego, na sequência de um confronto no mar entre portugueses e turcos no qual escaparam apenas nove portugueses. Foi depois vendido a um judeu, que o levou para Ormuz, onde foi resgatado por dois portugueses, o capitão da fortaleza e o ouvidor-geral, por 200 pardaus. Vai depois para Goa onde ofereceu os seus serviços a Pero de Faria, nomeado capitão de Malaca.

Até 1540 Fernão Mendes Pinto desempenhou tarefas diplomáticas e de exploração de contactos comerciais e de portos e rios na região. Neste período naufragou mais duas vezes, uma delas em combate com um corsário. Após o primeiro naufrágio ficou novamente escravo, desta vez na ilha de Samatra. Foi resgatado por Pedro de Faria e enviado por este numa missão ao reino de Pão. Em 1540, e na sequência desta missão, conheceu António de Faria e Sousa, um interessantíssimo aventureiro, com notáveis dotes de comando.

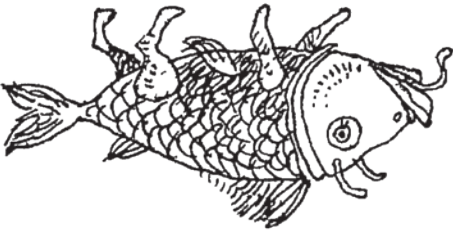


Nos anos seguintes, Mendes Pinto andou pelos mares da região com António de Faria, ora à procura de um corsário que tinha atacado os portugueses, Coja Acém, e que acabariam por derrotar, ora integrando uma expedição de 146 homens, entre os quais 45 portugueses, que andou pela costa chinesa e atravessou o Mar Amarelo até à Coreia em busca de uma ilha onde estariam 17 sarcófagos dos reis da China com ouro. A expedição acabou mal porque a população local não gostou da violação de alguns túmulos e perseguiu os expedicionários.

Iniciaram então uma fuga por mar, da qual só sobreviveram oito portugueses e que acabou num tribunal de Pequim, que os condenou a um ano de degredo na cidade de Cansim. Foram libertados três meses e meio antes do fim da pena pelos Tártaros, que marchavam sobre Pequim.

Da China, Mendes Pinto guardou admiração perante a sua organização judiciária, administração e cultura. «Destas grandezas que se acham em cidades particulares deste império da China se poderá bem coligir qual será a grandeza dele todo junto», escreve. Da capital chinesa foi para Hanói, hoje no Vietname, e daí ao litoral da China, onde tomou um barco que o levaria a possessões portuguesas. Um ataque de piratas e um tufão desviou-o da rota e terá ido parar a ilhéus japoneses.

{15}



Se assim fosse, esta teria sido a primeira vez que um português pisava solo japonês. Mas os dados existentes atribuem a Francisco Zeimoto, António Peixoto e António da Mota a primeira viagem confirmada de portugueses ao Japão, em 1542. Fernão Mendes Pinto chegou nesse mesmo ano mas mais tarde. O escritor e aventureiro português esteve por quatro vezes no Japão, onde fez comércio, foi intermediário, contactou com a corte nipónica e terá tomado conhecimento do chá.

Depois de ter visitado o Japão, Mendes Pinto regressou a Malaca, onde ficou novamente às ordens de Pedro de Faria. Foi incumbido de ir à Birmânia procurar a paz com um rei local e saber novas de um português que andava na região com 100 homens e que deveria regressar a Malaca para a defender de ataques do rei do Achem. A missão não correu bem. Foi maltratado e submetido a cativo pelos Birmaneses, tendo sido levado para o reino do Pegu, hoje parte da Birmânia, onde permaneceu dois anos e meio. Participou então numa expedição militar e terá chegado ao Tibete.

{16}

Conseguiu escapar do cativo e regressar a Goa, onde reencontrou novamente Pedro de Faria. Nos anos seguintes andou pela região a guerrear e a comerciar, tendo sido provavelmente o primeiro europeu a descrever a forma como, na população javanesa, a mulher desempenhava um papel relevante, sendo mesmo considerada como moralmente superior. Como já era costume, voltou a naufragar com outros portugueses, tendo sido novamente vendido, juntamente com mais oito sobreviventes. O comprador, o rei de Calapa, enviou-os para o porto de Sunda, onde estavam três naus de portugueses. Sião, Pegu e Malaca foram os destinos seguintes.

Voltou ao Japão integrado numa nau comandada por Jorge Álvares. Um dos locais por onde passou foi o reino do Bungo. Aí, Mendes Pinto, travou conhecimento com o jesuíta Francisco Xavier, que se tornaria, juntamente com a Companhia de Jesus, e durante quatro anos, numa das principais referências do escritor. Em Janeiro de 1554, numa altura em que já estava rico, com 10 mil cruzados e muitas jóias de valor, e pensava em regressar ao reino de Portugal, recebeu a notícia da morte de Francisco Xavier. Foi esperar o cadáver a Cochim e ficou impressionado com a recepção em Goa.



| 47



| 49



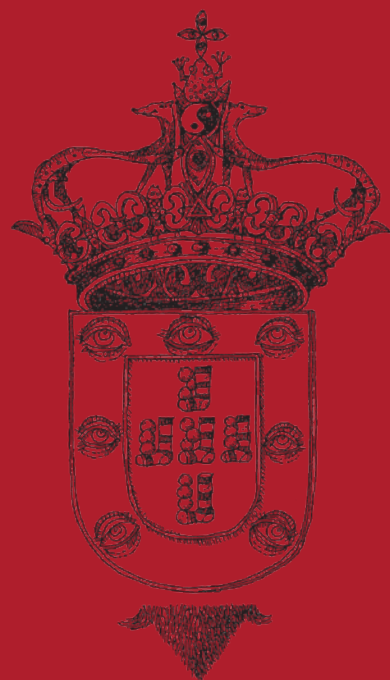
| 52

A morte do jesuíta e os dois dias que passou, em Abril de 1554, numa ermida numa ilha ao largo de Goa, para onde fora levado pelo padre-mestre Belchior Barreto, reitor do colégio e provincial da Índia, transformaram Fernão Mendes Pinto. Desistiu de regressar a Portugal, libertou os seus escravos e gastou grande parte da sua fortuna numa nova visita ao Japão, deste vez para tarefas de evangelização ao serviço dos Jesuítas, juntamente com o padre Belchior.

Segundo o testemunho dos próprios Jesuítas, os feitos de Mendes Pinto foram assinaláveis em terras japonesas quer para a Companhia de Jesus quer para a expansão do Cristianismo. Mas, em 1557, o escritor decidiu dar uma nova volta na sua vida e partiu do Japão para Goa, terminando a sua época de grande fervor religioso. Nos primeiros meses de 1558 regressou a Portugal, onde chegou em Setembro, rico e com atestados de bons serviços passados pelo Governador da Índia, Francisco Barreto, que também cessou funções nesse ano.

{17}





RETIRO E MORTE EM ALMADA

{18}

Quando Fernão Mendes Pinto chegou a Portugal o governo do reino era assegurado por D. Catarina de Áustria pois D. Sebastião, o monarca que sucedeu a D. João III, ainda não tinha idade para assumir o trono. Em 1558, o papa Paulo VI elevou o bispado de Goa a arcebispado, separando-o de Lisboa, e D. Constantino de Bragança foi nomeado como 7.º vice-rei da Índia, que, um ano depois, assaltou Damão e expulsou os mercenários da Etiópia.

Esperou, em vão, por uma pensão da Coroa portuguesa e casou com Maria Correia Brito (30 anos mais nova do que ele). Desgostoso com os rumores que corriam sobre a veracidade dos seus feitos e aventuras por terras do Oriente, retirou-se, em 1562, para uma quinta que comprara no Vale do Rosal, Pragal, em Almada, onde, entre 1570 e 1578, escreveu a famosa *Peregrinação*.



153



155



157



159

Para Veríssimo Serrão o livro é um «roteiro de aventuras, que eleva o seu autor como símbolo do homem novo que se forjou na aliança do espírito renascentista e da expansão ultramarina, na ânsia de descobrir os limites do cosmos e de compreender o viver dos povos que não haviam sido banhados pela mensagem cristã». A obra só seria publicada depois da sua morte, em 1614, e hoje é o mais conhecido livro de viagens da literatura portuguesa. A obra foi escrita de memória e a versão impressa não estará totalmente igual à redacção do autor.

O livro, com 226 capítulos, é uma mistura de autobiografia com pensamentos e conceitos morais e religiosos. Um dos objectivos do autor ao escrever *Peregrinação* foi dar conta aos filhos dos seus trabalhos e andanças. Mas também há críticas e alguma sátira à actuação de muitos portugueses no Oriente. Fernão Mendes Pinto morreu em Almada, em Julho de 1583, num reino que já era governado por um monarca espanhol, Filipe I. Foi este rei que, em Janeiro desse ano, concedeu ao escritor uma tença anual de dois moios de trigo.

{19}



162



163



165



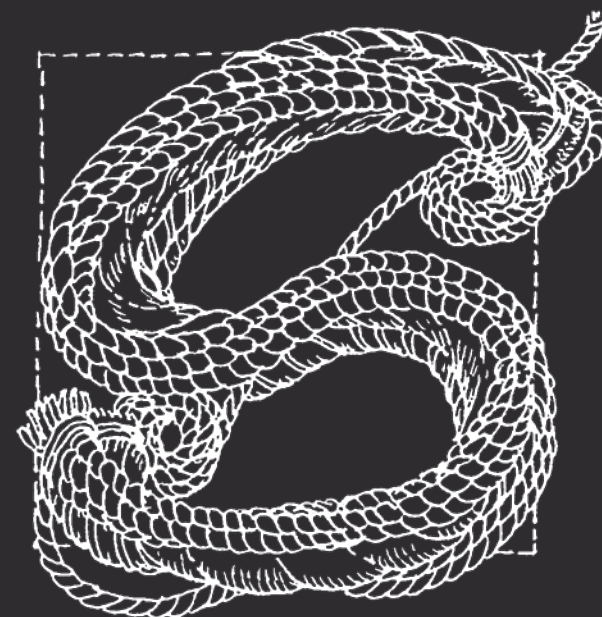
169



170



171



ÍNDICE DAS MOEDAS DA EXPOSIÇÃO

{20}

{21}



- 01 – Ouro, D. Manuel I, Português, MNP n.º 9401
- 02 – Ouro, D. Manuel I, Cruzado, MNP n.º 4907
- 03 – Ouro, D. Manuel I, Cruzado, MNP n.º 9402
- 04 – Prata, D. Manuel I, Tostão VL, MNP n.º 9404
- 05 – Prata, D. Manuel I, Tostão VL, MNP n.º 13134
- 06 – Prata, D. Manuel I, Tostão OV, MNP n.º 9410
- 07 – Prata, D. Manuel I, Tostão OV, MNP n.º 13142
- 08 – Prata, D. Manuel I, Meio Tostão, MNP n.º 4918
- 09 – Prata, D. Manuel I, Meio Tostão, MNP n.º 9412
- 10 – Prata, D. Manuel I, Vintém, MNP n.º 13154
- 11 – Prata, D. Manuel I, Vintém, MNP n.º 4926
- 12 – Prata, D. Manuel I, Vintém, Porto, MNP n.º 4930
- 13 – Prata, D. Manuel I, Vintém, Porto, MNP n.º 4932
- 14 – Prata, D. Manuel I, Meio Vintém, MNP n.º 4938
- 15 – Prata, D. Manuel I, Meio Vintém, MNP n.º 4939
- 16 – Prata, D. Manuel I, Cinquinho, híbrido, MNP n.º 4942
- 17 – Cobre, D. Manuel I, Ceitil, MNP n.º 13210
- 18 – Cobre, D. Manuel I, Ceitil, MNP n.º 13212
- 19 – Ouro, D. João III, Português RL, MNP n.º 9432
- 20 – Ouro, D. João III, Cruzado LR, MNP n.º 4953
- 21 – Ouro, D. João III, Cruzado RL, MNP n.º 4954
- 22 – Ouro, D. João III, Cruzado Calvário, MNP n.º 4955
- 23 – Ouro, D. João III, Cruzado Calvário, MNP n.º 4956
- 24 – Ouro, D. João III, São Vicente, MNP n.º 13252
- 25 – Ouro, D. João III, Meio São Vicente, MNP n.º 9466
- 26 – Prata, D. João III, Tostão VL, MNP n.º 9433
- 27 – Prata, D. João III, Meio Tostão, MNP n.º 13255

- 28 – Prata, D. João III, Tostão LR, MNP n.º 4970
- 29 – Prata, D. João III, Tostão RL, MNP n.º 4973
- 30 – Prata, D. João III, Vintém, MNP n.º 13264
- 31 – Prata, D. João III, Vintém LR, MNP n.º 4985
- 32 – Prata, D. João III, Real Português Dobrado, MNP n.º 5012
- 33 – Prata, D. João III, Real Português Dobrado, MNP n.º 9448
- 34 – Prata, D. João III, Real Português, MNP n.º 4999
- 35 – Prata, D. João III, Real Português, Porto, MNP n.º 5003
- 36 – Prata, D. João III, Tostão Cruz de Avis, MNP n.º 5018
- 37 – Prata, D. João III, Tostão Cruz de Avis, MNP n.º 9469
- 38 – Prata, D. João III, Meio Tostão, MNP n.º 5027
- 39 – Prata, D. João III, Meio Tostão Cruz de Avis, MNP n.º 13328
- 40 – Cobre, D. João III, X Reais, MNP n.º 9458
- 41 – Cobre, D. João III, X Reais, MNP n.º 13337
- 42 – Cobre, D. João III, III Reais, MNP n.º 5031
- 43 – Cobre, D. João III, III Reais, MNP n.º 9462
- 44 – Cobre, D. João III, Real, MNP n.º 13365
- 45 – Cobre, D. João III, Bazaruco, Goa, MNP n.º 15869
- 46 – Cobre, D. João III, Bazaruco, Goa, MNP n.º 5773
- 47 – Ouro, D. João III, Pardau de São Tomé, Goa, MNP n.º 15873
- 48 – Ouro, D. João III, Pardau de São Tomé, Goa, MNP n.º 15875
- 49 – Calaim, D. João III, Soldo, Malaca, MNP n.º 23488
- 50 – Calaim, D. João III, Soldo, Malaca, MNP n.º 16686
- 51 – Cobre, D. Sebastião, 4 Bazarucos, Cochim, MNP n.º 23498
- 52 – Cobre, D. Sebastião, Bazaruco, Cochim, MNP n.º 22554
- 53 – Ouro, D. Sebastião, 500 Reais, MNP n.º 5042
- 54 - Ouro, D. Sebastião, 500 Reais, MNP n.º 13397

55 – Prata, D. Sebastião, Tostão, MNP n.º 5046

56 – Prata, D. Sebastião, Tostão, MNP n.º 13403

57 – Prata, D. Sebastião, Meio Tostão, MNP n.º 5056

58 – Prata, D. Sebastião, Meio Tostão, MNP n.º 9486

59 – Prata, D. Sebastião, Vintém, MNP n.º 5063

60 – Prata, D. Sebastião, Vintém, MNP n.º 9497

61 – Cobre, D. Sebastião, X Reais, MNP n.º 5071

62 – Cobre, D. Sebastião, X Reais, MNP n.º 9501

63 – Cobre, D. Sebastião, V Reais, MNP n.º 9505

64 – Cobre, D. Sebastião, V Reais, MNP n.º 9506

65 – Cobre, D. Sebastião, III Reais, MNP n.º 9502

66 – Cobre, D. Sebastião, III Reais, MNP n.º 13458

67 – Cobre, D. Sebastião, Real, MNP n.º 5079

68 – Cobre, D. Sebastião, Real, MNP n.º 13465

69 – Prata, D. Filipe I, Tostão, MNP n.º 5110

70 – Prata, D. Filipe I, Tostão, MNP n.º 9526

71 – Prata, D. Filipe I, 4 Vinténs, MNP n.º 9529



FICHA TÉCNICA

Coordenação geral

Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Câmara Municipal de Montemor-o-Velho

Comissários

Javier Sáez Salgado

José António Godinho Miranda

Ilustrações

Carlos Marreiros

Produção Executiva

INCM – Direcção de Marketing

António Alves

Apoio à produção

Sofia Quinteiro

Design gráfico

Ana Luísa Ferreira

Fotografia

Manuel Farinha

Coordenação da montagem

INCM – Direcção de Marketing

Sandra Lopes

Construção de estruturas e montagem

Hermínio Reis

João Cavaleiro

Onofre Neves

Material gráfico e Impressão

Imprensa Nacional – Casa da Moeda



500
FERNÃO MENDES PINTO

INCM
IMPRENSA NACIONAL CASA DA MOEDA

**mais
CENTRO**
Programa Operacional Regional do Centro

**QR
EN**
QUADRO DE REFERÊNCIA
ESTRATÉGICO
NACIONAL
2014-2020



UNIÃO EUROPEIA

Fundo Europeu
de Desenvolvimento Regional

